

## SOBRE O OBJETO E O MÉTODO DA PROSOPOGRAFIA\*

Neithard Bulst\*\*

### RESUMO

*Embora o termo prosopografia remonte ao século XVI, seu significado e suas relações com outros métodos e técnicas empregados na pesquisa histórica ainda continuam a ser objeto de controvérsias. Tais controvérsias se acentuaram com o redirecionamento, evidente nas últimas décadas, do foco do interesse historiográfico para o papel do homem na história, e não necessariamente dos “grandes homens”. Este artigo busca rastrear as estratégias de utilização da prosopografia como recurso para apreensão do papel histórico desempenhado por determinadas coletividades, seja de instituições como as Câmaras parlamentares ou de grupos sociais como os camponeses, em variados períodos, da Antiguidade romana aos nossos dias.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Biografia. História Social. Métodos da História. Prosopografia.*

A prosopografia não é algo novo. A palavra aparece, como Karl Ferdinand Werner comprovou, já em 1537, primeiramente no plural, em uma obra intitulada

\* Texto originalmente publicado em BULST, N.; GENET, J.-P. **Medieval Lives and the Historian: Studies in Medieval Prosopography** (Proceedings of the First International Interdisciplinary Conference on Medieval Prosopography, University of Bielefeld, 3-5 December 1982), Michigan, 1986, p. 1-16. Título original: *Zum Gegenstand und zur Methode von Prosopographie*. Agradecemos ao autor a permissão para utilizá-lo nesta publicação. Tradução de Cybele Crossetti de Almeida. Revisão de Marina Kleine.

\*\* Professor da Universität Bielefeld, Alemanha.

POLITEIA: Hist. e Soc.	Vitória da Conquista	v. 5	n. 1	p. 47-67	2005
------------------------	----------------------	------	------	----------	------

*Prosopographiarum libri quator, in quibus personarum illustrium descriptiones aliquot seu imagines... continentur.* No singular, o primeiro registro comprovado de sua utilização é do ano de 1565, quando foi publicada, em Basel, a *Prosopographia heroum atque illustrium virorum totius Germaniae* (WERNER, 1977, p. 70). Alguns anos mais tarde o termo foi utilizado, na França, em língua vernácula. Em 1573, Antoine du Verdier publicou uma obra com o título *La prosopographie ou description des personnes insignes qui ont été depuis le commencement du monde, avec leurs effigies*<sup>1</sup> e, em 1583, Nicolas Bergeron, em seu *Le Valoys royal*, descreve o seu procedimento como “prosopografia ou dedução genealógica e histórica dos senhores e damas, sucessores proprietários deste ducado”.<sup>2</sup> Mas são novos, a bem da verdade, a intensidade e o entendimento metodológico com os quais a prosopografia hoje é exercida na pesquisa histórica.<sup>3</sup> Além disso, modificaram-se as expectativas e os objetivos ligados à pesquisa prosopográfica, bem como seus objetos.

Trabalhos de pesquisa sistemáticos sobre *Personengeschichte* existem desde o século XIX. A lista dos trabalhos prosopográficos que se destacam em todas as áreas da história é longa. Destes, mencionaremos alguns exemplos: H. Berves (1926), L. Namier (1929), R. Syme (1939) e G. Tellenbach (1939),<sup>4</sup> além de artigos em prosopografia, começando com J. E. Neale (1951) e G. Tellenbach (1957). Pode-se comprovar que, após os artigos de Nicolet (1970) e Chastagnol (1970), publicados quase simultaneamente, sobre a prosopografia como método de investigação da República romana e da Antigüidade tardia, e o artigo de Stone – que oferece uma visão crítica sobre a origem, as limitações e perigos da prosopografia –, a discussão sobre o grande ou pouco valor da prosopografia intensificou-se tanto qualitativa quanto quantitativamente e foi acompanhada, nos últimos anos, por um aumento significativo das publicações baseadas em pesquisas prosopográficas.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Cf. Nicolas de Cholières, *Oeuvres*, vol. 2: **Les Après-Dinées**. Ed. E. Tricotet (Paris, 1879, repr. Genève, 1969), p. 393. De Cholières escreveu seu **Après-Dinées** entre 1585 e 1587 e utiliza o adjetivo *prosopographique* no sentido original, isto é, significando a reprodução dos rostos: “S’il vous plaît visiter les figures et portraits qui sont dans l’Histoire Prosopographique d’un de nostre pays” (p. 257).

<sup>2</sup> Citado em BARRÉ (1978, p. 49).

<sup>3</sup> É, no entanto, evidente que nem a **Bibliographie annuelle de l’histoire de France du cinquième siècle à 1945**, nem o **Jahresberichte für deutsche Geschichte** contém o verbete *prosopografia*. Ele também não está presente no dicionário **La Nouvelle Histoire** editado por J. Le Goff (1978). Para a situação inglesa, cf. a contribuição de R. B. Dobson, *Recent Prosopographical Research in Late Medieval English History*. In: BULST; GENET (1986, p. 181-ss).

<sup>4</sup> Comparar com a bibliografia apresentada nos artigos de Stone (1971), Beech (1976) e Schmid (1981). Cf. nota seguinte.

<sup>5</sup> Cf. também J. Maurin (1982). Maurin faz um balanço crítico da História Antiga e conclui que, apesar de todas as restrições (*Einschränken*), o estudo das elites sociais romanas não pode prescindir da prosopografia. Ver, ainda, Stone (1971), Carney (1973), Beech (1976), Schmid (1981) e Autrand (1981).

Como a pesquisa prosopográfica é essencialmente uma pesquisa quantitativa, é natural que ela seja estimulada pelo crescente impulso que a quantificação tem recebido com a transformação e o aperfeiçoamento das técnicas de processamento de dados.<sup>6</sup> O artigo de Stone, por exemplo, foi traduzido e publicado na Alemanha numa coletânea sobre quantificação na História (JARAUSCH, 1976). Igualmente, começaram a ocorrer congressos especializados tendo a prosopografia medieval como tema específico. Duas seções que se ocuparam com a Idade Média, nos congressos de historiadores alemães de 1974 e 1978, evidenciam a importância que este tema adquiriu; da mesma forma, um congresso de historiadores franceses e alemães de 1979.<sup>7</sup> Congressos alemães e internacionais sobre a utilização de processamento de dados (como em 1975, em Roma; 1978, em Paris; 1979, em Tübingen) trataram de temas prosopográficos.<sup>8</sup> Até o congresso de Bielefeld, em 1982, que é o primeiro a se ocupar exclusivamente com a prosopografia, o último evento importante foi a fundação do periódico **Medieval Prosopography**, em 1980, por B. Bachrach, G. Beech e J. Rosenthal.

Como explicar este novo interesse pela prosopografia? Ele brota apenas de uma estéril paixão de colecionador como polemicamente afirmou Stone?

em termos de motivação psicológica, esses colecionadores obsessivos de informações biográficas pertencem à mesma categoria de homens com fixação anal [sic], como os colecionadores de borboletas, de selos, ou de carteiras de cigarros; todos são produtos da ética protestante (STONE, 1971, p. 49).

Ou então, como pensam muitos, residiria na concepção pessimista e materialista do ser humano o fundamento da prosopografia? Syme (1974) formulou esta possibilidade da seguinte maneira: “Essa concepção impôs um viés pessimista e truculento com a quase completa exclusão de emoções humanas

<sup>6</sup> Vide os conceitos *quantitative* e *informatique* em Le Goff (1978).

<sup>7</sup> Na seção *Personenforschung im Spätmittelalter*, no Congresso de historiadores em Braunschweig, destaque para as palestras de J. Petersohn, *Zu Forschungsgeschichte und Methode*, de P. Moraw, *Personenforschung und deutsches Königtum*, de K. Wriedt, *Personengeschichtliche Probleme universitärer Magisterkollegien* e de W. von Stromer, *Wirtschaftsgeschichte und Personengeschichte*, publicadas em **Zeitschrift für Historische Forschung** (Ver Referências Bibliográficas). O congresso de historiadores em Hamburgo contou com uma seção com a colaboração de K. Schmid, J. Mehne, G. Althoff, E. Freise, O. G. Oexle e J. Wollasch. Para os textos de K. Schmid e F. Autrand no colóquio franco-alemão de historiadores em Göttingen, ver Referências Bibliográficas.

<sup>8</sup> *Informatique et Histoire Médiévale. Communications et Débats de la table ronde CNRS* (Rome, 20-22, mai 1975); *L'histoire médiévale et les ordinateurs – Medieval History and Computers. Rapports d'une table ronde internationale* (Paris, 1978); 19. *Kolloquium über die Anwendung der EDV in den Geisteswissenschaften* (Tübingen, 1979).

e virtudes domésticas”.<sup>9</sup> Ou, ainda, este interesse se explicaria porque a prosopografia responde melhor a determinadas questões, atualmente, do que outras abordagens históricas? Este último argumento, no entanto, deveria valer igualmente para as diferentes abordagens históricas: história econômica, social e política etc. A rigor, esta hipótese parece relacionar-se a um determinado e limitado objeto da pesquisa prosopográfica, qual seja, a história dos grupos dirigentes políticos, um campo no qual o ganho de um significa a perda do outro – um mecanismo que não vale incondicionalmente (CARNEY, 1973, p. 168).

Deve-se tentar responder a essa pergunta (“como explicar este novo interesse pela prosopografia?”), refletindo sobre o significado e o entendimento de prosopografia, bem como sobre o seu objeto e, num segundo momento, sobre a abordagem, as possibilidades e limites da pesquisa prosopográfica. Desta forma, abrimos mão de trazer a pesquisa prosopográfica à discussão e de nos inteirarmos dela, em favor de aspectos que nos parecem essenciais.

O que significa prosopografia? Dois exemplos deixam claras a incerteza e a insegurança sobre o que se entende por essa designação. Por um lado, a existência dos termos *Historische Personenforschung* e *Prosopographie* na pesquisa histórica na Alemanha.<sup>10</sup> As palestras, na já mencionada seção do congresso de historiadores de 1974, sobre *Personenforschung im Spätmittelalter* partiram de uma definição prévia do termo *Prosopographie* como “coleção e catálogo de todas as pessoas de um grupo definido temporal e espacialmente”, e de *Historische Personenforschung* como “análise de material prosopográfico segundo diferentes pontos de vista da interpretação histórica” (PETERSOHN, 1975, p. 1). Segundo essa definição, a prosopografia foi subordinada à *Personenforschung*, o que finalmente pode conduzir a uma emancipação, e, deste modo, conferir à prosopografia um caráter de ciência auxiliar.<sup>11</sup> Esta ciência auxiliar, a prosopografia, é enquadrada por Werner (1977, p. 71) “entre a antropologia, a genealogia, a demografia e a história social, entre a singularidade de um evento e a individualidade, e as provas seriais de fenômenos sociais e de desenvolvimentos de longa duração”. A *Personenforschung*, por outro lado, é definida pela sua preocupação com “a pesquisa e a representação da vida do homem individualizado de tempos passados”, como em Tellenbach (1957, p.

<sup>9</sup> Cf. Stone (1971) e Gillespie (1977).

<sup>10</sup> A diferença entre os termos é também salientada por G. Beech (1980, p. 6).

<sup>11</sup> Vide G. Kampers (1979), cujo trabalho foi pensado originalmente como “pura prosopografia”.

6), sendo assim distinguida da pesquisa biográfica em relação à qual acentua mais fortemente os componentes sociais (SCHMID, 1974, p. 129). Por outro lado, pode-se remeter à crítica de J. Rogozinski a Stone:

L. Stone confunde prosopografia e ensaios interpretativos que fazem uso de evidências prosopográficas. Qualquer que seja o mérito de suas críticas a Syme, Namier e Beard, os livros deles não eram prosopografia; eram sínteses interpretativas de dados retirados de historiadores anteriores que usaram numerosas outras técnicas além daquelas da prosopografia (ROGOZINSKI, 1976, p. 500).

As idéias precisas aqui articuladas sobre a abordagem prosopográfica, que afirmam a necessidade de rigor no trabalho com as fontes e sua exploração, não podem, no entanto, ser consideradas como universalmente reconhecidas. Stone formulou uma noção muito mais ampla de *prosopography*, reunindo a prosopografia clássica dos historiadores da Antigüidade, a “biografia coletiva” dos modernistas e a “linha de análise de múltiplas carreiras” dos cientistas sociais (STONE, 1971, p. 46).<sup>12</sup> Este termo tem o mesmo significado que o de “histórias de vida coletiva”, empregado mais usualmente pelos sociólogos (SCHRÖDER, 1979, p. 203). O termo *quantitative Personenforschung* (BLOCKMANS, 1983, p. 57) ressalta um outro aspecto. Na pesquisa anglo-americana, a aproximação, se não equivalência, entre *biografia coletiva* e *prosopography* parece geralmente aceita (BEECH, 1980, p. 3), mas podemos duvidar do fato de que tenha sentido restringir assim o termo prosopografia, aliás, contra seu sentido original, à pura coleta de dados sobre pessoas ou grupos de pessoas, como era o caso da prosopografia da História Antiga. Uma utilização mais padronizada do termo pareceria coerente, também, em relação ao intercâmbio científico internacional, uma vez que em inglês e em francês apenas os termos *prosopography* ou *prosopographie*, respectivamente, são utilizados, faltando um equivalente para o termo *Personenforschung* (BEECH, 1980, p. 6).

No entanto, uma observação metodológica contra a diferenciação entre *Prosopographie* e *Personenforschung* nos parece mais importante. Porque, embora seja verdade que a coleta e interpretação de dados são processos diferentes, eles permanecem – pelas escolhas que implicam – fortemente interdependentes, de modo que a análise planejada (i.e., as questões orientadoras da pesquisa)

<sup>12</sup> Quanto ao termo “biografia coletiva”, cf. Best; Mann (1977, p. 88).

define as regras da coleta, e a maneira de coletar os dados admite algumas interpretações e elimina outras.

Como, não só para a história da Antigüidade e para o começo da Idade Média, todo recenseamento exaustivo é sem dúvida impossível, a coleta de dados prosopográficos não pode ser feita razoavelmente a não ser em condições bem definidas e com um questionário preciso.<sup>13</sup> Isso significa que é necessário proceder inicialmente a uma seleção das informações a recolher. Uma análise de catálogos prosopográficos antigos, mas também de trabalhos mais recentes ou mesmo uma análise quantitativa por meio de questionários diferenciados, se mostra, em geral, impraticável.<sup>14</sup> Isso é freqüentemente explicado pelo simples fato de que os critérios, segundo os quais um catálogo é estabelecido, permanecem bastante vagos, porque para toda exploração estatística é indispensável saber se certas lacunas se devem à inexistência de algumas fontes, à ausência de uma exploração sistemática ou a escolhas de ordem redacional. Em suma, a coleta de dados prosopográficos pressupõe uma coleta padronizada de dados que corresponde aos problemas colocados, enquanto o catálogo, estabelecido em seguida, deve explicitar detalhadamente os critérios de coleta e as lacunas na documentação de base, para que ele possa conservar alguma utilidade quando utilizado em contextos diferentes.

As definições de prosopografia são múltiplas, o que não surpreende após o que já foi dito. Mas um elemento comum a quase todas as definições é a análise do indivíduo em função da totalidade da qual ele faz parte. A definição de Stone também encerra este aspecto do indivíduo e sua relação com a totalidade: “Prosopografia é a investigação das características subjacentes comuns a um grupo de atores na história mediante o estudo coletivo das suas vidas” (STONE, 1971, p. 46). Se entendermos por “ator” não somente os *agentes*, no sentido de Theodor Mayer – que pretendia, na sua prosopografia alemã, “compreender os indivíduos como individualidades históricas e explicar suas ações e motivações no seu contexto histórico”<sup>15</sup> – mas também, ao lado das “pessoas de um certo peso político e social” (WRIEDT, 1975, p. 19), todo

<sup>13</sup> Cf. Neale (1951). Para uma posição diferente, ver Barré (1989, p. 54) e Turner (1982, p. 21).

<sup>14</sup> Exemplos em Bulst (1986a, p. 380-s).

<sup>15</sup> *Blätter für deutsche Landesgeschichte*, 93, 1957, p. 458. A sua hipótese segundo a qual, apenas desta maneira “o verdadeiro quadro de uma contribuição desta [...] ordem” é reconhecível, não é aceitável.

o grupo social; se pretendermos compreender o grupo social e tomar como critério da totalidade/comunidade, junto às honrarias e funções, todo o tipo de atividade e *status*; se, em outros termos, não pretendermos excluir aqueles que, ao lado dos “atores principais” da história, apenas a vivenciam, sofrem ou suportam de uma maneira passiva, é necessário então aceitar tal definição. Pois, apesar de todas as dificuldades que a pesquisa sobre os grupos de pessoas abaixo das elites sociais ou funcionais oferece, é uma característica das pesquisas prosopográficas mais recentes focar, por exemplo, o meio camponês.<sup>16</sup> O método da prosopografia visa, nesse caso, a dimensão comparativa que se interessa tanto pelas semelhanças quanto pelas diferenças. De maneira bem menos explícita, as definições abordam um segundo aspecto – complementar, mas não menos importante –, isto é, a função da totalidade para o indivíduo.

Na constituição de seus grupos, ou, para antecipar aquilo que se segue, das totalidades levadas em consideração, não há limites para o prosopógrafo. É suficiente mencionar a *Prosopographia regnorum orbis latini* (PROL), iniciada por K. F. Werner, que engloba o conjunto de pessoas documentadas, com ou sem nome, entre os séculos III e XII, e que constitui, sem dúvida, o empreendimento prosopográfico mais sistemático, mas também o mais difícil (WERNER, 1977, p. 73-ss).

Dificuldades não menos consideráveis encontram-se na **História do Parlamento**, empreendida por L. Namier, que pretende registrar as biografias de todos os membros da Câmara dos Comuns (que Namier qualifica expressamente como um grupo coerente), de suas origens até 1901. Este empreendimento, contudo, tem conseqüências problemáticas em razão da renúncia do autor em registrar as atividades extraparlamentares, porque, deste modo, a averiguação dos dados é limitada já de antemão. Podemos nos perguntar se a separação entre atividades intra e extraparlamentares tem realmente um sentido e qual pode ser a significação de uma análise histórica dos *Commons* que se apóia sobre uma base documentária tão restrita.<sup>17</sup>

Na sua discussão sobre as pesquisas prosopográficas, Stone introduziu a distinção entre uma “escola elitista” e uma “escola mais estatística e de massas” (1971, p. 47). De acordo com as considerações anteriores, pode-se perceber

<sup>16</sup> Cf. Poos (1986).

<sup>17</sup> Cf. Venturi (1966, p. 89-s, 94); Clark; Rawcliffe (1983); Hasler (1981).

que tal classificação, embora possa ter sido pertinente até os anos 70, não é aplicável para as pesquisas mais recentes.

Uma grande limitação – ou uma necessidade de precisão – se impõe no que concerne à utilização da palavra *vida*, uma vez que a pesquisa prosopográfica deve frequentemente contentar-se, sobretudo na Idade Média, com poucos dados passíveis de verificação por meio das fontes, o que deixa o nosso conhecimento dos indivíduos ou dos grupos em questão mais do que fragmentado. Uma das tarefas e das possibilidades da prosopografia consiste na investigação do ciclo de vida – possivelmente o que Stone compreende sob o termo *life* –, o que abre a possibilidade de uma análise comparativa. Neste caso, é necessário integrar ao ciclo de vida tanto os dados demográficos propriamente ditos – que, a propósito, são satisfatoriamente comprováveis apenas em casos excepcionais – quanto aqueles que concernem à carreira profissional ou, de maneira geral, à vida dos grupos em questão.

Neste contexto, é importante retomar a questão da relação entre biografia e prosopografia. Em 1976, Beech formulou – pensando, na realidade, nas elites dominantes – a tese segundo a qual o medievalista poderia renunciar à prosopografia se dispusesse de um número suficiente de fontes contendo informações satisfatórias. Ao mesmo tempo, ele via na prosopografia a única saída para este dilema, porque a prosopografia não depende de biografias sem lacunas, mas pode limitar-se, em seu alcance, a determinadas características definidas pelo caráter da totalidade pesquisada (STONE, 1971, p. 153). Com isso, a questão sobre o significado da prosopografia é novamente levantada, dessa vez por um gênero de pesquisa e de documentação histórica próximo à prosopografia. Esta questão não pode ser dissociada de uma controvérsia negligenciada até o presente momento, e que concerne à relação entre biografia e prosopografia, para a qual é necessário referir-se, sobretudo às contribuições de J. Alexander (1972) e R. Pillorget (1979). Sem dúvida, é justo assinalar, como o faz Moraw (1975, p. 9), que a prosopografia (*historische Personenforschung*) exige de fato pouco interesse biográfico, no sentido estrito do termo. Pillorget e Romano criticaram duramente a História dos *Annales* – e, ao mesmo tempo, a história influenciada pelo marxismo – defendendo a tese de que esta concepção tem por objetivo despersonalizar a história e introduzir a “peste”, a “fome”, a “morte”, o “medo”, as “tradições familiares” etc. como novas personagens históricas, prejudicando muito o desenvolvimento do gênero biográfico



(PILLORGET, 1979, p. 329; ROMANO, 1982, p. 51). Mas esta é uma crítica exagerada, pois formula um antagonismo que não existe com tal intensidade.<sup>18</sup> A biografia e a prosopografia tratam de questões e interesses diferenciados que, paralelamente, dão a ambas sua legitimidade. Enquanto a biografia visa o indivíduo; o interesse da prosopografia é o conjunto ou a totalidade, constantemente considerando o indivíduo nas suas relações com o conjunto. É evidente que, conforme o questionamento, imputamos importância a um ou outro aspecto, ou, ainda, negligenciamos um terceiro. O fato de que a prosopografia não pode, no entanto, renunciar à biografia foi exemplificado com a célebre imagem de Namier, quando ele afirma que cinquenta homens tomados em conjunto não formam uma centopéia,<sup>19</sup> mas permanecem sendo cinquenta homens, dos quais é necessário conhecer cada um individualmente.<sup>20</sup> No que concerne ao grupo em seu conjunto, Neale, cujo ensaio *Biographical Approach to History* visa, na realidade, os procedimentos prosopográficos, alerta sobre o perigo de se confundir a soma aritmética do desejo dos indivíduos com a vontade do conjunto (NEALE, 1951, p. 195, 199).<sup>21</sup> Ora, é necessário admitir que uma biografia sincrônica de cinquenta pessoas não é representável. Isso não impede, contudo, que qualquer pesquisa sobre um conjunto – por exemplo, aquela sobre as cinquenta pessoas – comece pela tentativa de estabelecer biografias individuais – que poderão, talvez, ser retomadas no texto final, mas que devem se restringir à reprodução de alguns casos exemplares – que mais tarde conservarão seu significado, seja como representativas da totalidade ou como exceções. Para tal discernimento, a comparação permanece sendo um elemento indispensável. É justamente neste contexto que se abrem, à prosopografia, as possibilidades cognitivas que a biografia não dispõe e nem pode dispor porque, na maioria dos grupos pesquisados prosopograficamente (seja conselheiros, monges, parlamentares ou estudantes universitários), faria pouco sentido destacar indivíduos e analisá-los biograficamente sem pensar em uma comparação posterior, a qual retira à biografia individual o seu caráter único ou singular.

<sup>18</sup> Os desenvolvimentos de Pillorget (1979, p. 22, 24) tornam evidente que, para ele, é a prosopografia que faz desaparecer os caracteres e as personalidades, pois ele constrói uma oposição entre o “aporte biográfico da história” (com o qual ele identifica a prosopografia) e a “biografia quantitativa ou serial”, que não comete esse erro. Mas essa oposição existe mais nas palavras do que na coisa em si.

<sup>19</sup> N. T.: No original “*tausendfüßler, mille-patte*” (respectivamente na versão em alemão e francês) o que significa 1000 pés, daí o texto original falar em 500 homens. Na versão para o português alteramos o número de 500 para 50 para manter o sentido do trocadilho.

<sup>20</sup> Cf. Venturi (1966, p. 94).

<sup>21</sup> Ver também Paravicini Bagliani (1972, v. I, p. XI e 2), que não faz distinção entre *ricostruzione prosopografica* e *ricostruzione biographica*.

Convém enfim mencionar uma outra possibilidade da prosopografia que permite explorar uma situação de relativa escassez de dados, algo que não é viável para o trabalho biográfico no seu sentido tradicional. Penso aqui nas pesquisas concernentes a pessoas e grupos de pessoas, das quais algumas vezes não conhecemos mais do que o nome,<sup>22</sup> ou mesmo de pessoas das quais não conhecemos nem mesmo o nome e que aparecem somente como um “N” num quadro genealógico (TELLENBACH, 1957, p. 8; WERNER, 1977, p. 58). Além disso, a abordagem biográfica exclui a diacronia, que é um aspecto quase essencial de muitas pesquisas prosopográficas.

Essa controvérsia leva-nos à nossa segunda questão, que concerne à abordagem, às possibilidades e aos limites da prosopografia. O termo abordagem substitui aqui o conceito de “método” utilizado no título desta exposição, porque é necessário indagar, num sentido teórico-metodológico rigoroso, se a prosopografia possui um método que seja próprio a ela e somente a ela. Stone iniciou seu artigo sobre a prosopografia com uma constatação: “a prosopografia se desenvolveu como uma das mais valiosas e mais familiares técnicas de pesquisa histórica”. Na tradução alemã, *técnica* se transforma em *método*. Pouco mais adiante – no mesmo artigo – Stone fala da invenção relativamente recente da “prosopografia como um método histórico” (STONE, 1971, p. 46, 49). Encontra-se uma terminologia igualmente variável em numerosos trabalhos, nos quais a prosopografia é considerada, às vezes pelo mesmo autor, ora como um método, ora como uma técnica, ora como uma abordagem (BEECH, 1976, p. 157, 171, 173; WERNER, 1977, p. 205-s., 209; NICOLET, 1970, p. 1209-s.; AUTRAND, 1981, p. 46; MAURIN, 1982, p. 824).

Se não quisermos considerar o conjunto dos métodos empregados pela História e pelas Ciências Sociais (incluindo as técnicas às quais elas recorrem, como o processamento de dados e a análise estatística, cuja utilização pode variar<sup>23</sup> enormemente segundo as fontes e as questões colocadas) como um método em si mesmo, parece difícil falar da prosopografia como um novo método histórico. Mas ela não pode mais ser considerada como uma ciência auxiliar. A meu ver, ela deveria ser vista, mais apropriadamente, como um aporte da história social que propõe novas questões<sup>24</sup> e aponta para novos caminhos

<sup>22</sup> Ver Althoff (1986) e também Geuenich (1986).

<sup>23</sup> Ver Carney (1973, p. 164).

<sup>24</sup> Ver Blockmans (1983, p. 45-s), e Maurin (1982, p. 824, 833). Ver, também, a advertência de Kaplan (1964, p. 28, 23) sobre a identificação de um conjunto de abordagens privilegiadas e técnicas com um método científico.

de pesquisa, e para a qual os problemas históricos a serem resolvidos exigem que seja utilizado um amplo espectro de métodos especificamente históricos, mas também, em parte, aqueles de outras disciplinas. Mencionemos aqui a *Namenkunde*,<sup>25</sup> indispensável para resolver os difíceis problemas de identificação com que se defronta o medievalista. Como não existe o método prosopográfico, é necessário tentar encontrar, em cada caso (segundo a questão de investigação e o estado das fontes disponíveis), as mais variadas possibilidades de solução. Esta é, sem dúvida, uma das grandes dificuldades da pesquisa prosopográfica.

O que esperamos da pesquisa prosopográfica e quais possibilidades ela acrescenta ao conhecimento histórico? Por que a questão “quem eles foram?”, ou, como formulou Gillespie (1977, p. 675), *who the guys were* é tão interessante? (STONE, 1971, p. 53; BEECH, 1976, p. 153). O que justifica o enorme esforço para descobrir e examinar as fontes adequadas, que pesa sobre cada trabalho prosopográfico e que faz, em parte, com que, a uma longa fase de coleta de dados, suceda uma fase, freqüentemente muito breve, de análise? A resposta a essas questões é relativamente incontestável. Muitas das pesquisas no domínio da história política (AUTRAND, 1981, p. 43), da história das instituições, da administração e das Constituições,<sup>26</sup> dos movimentos sociais ou ainda da história intelectual e cultural,<sup>27</sup> para citar apenas alguns exemplos, chegaram claramente a limites dificilmente superáveis.<sup>28</sup> A tentativa de ultrapassar esse ponto crítico utilizando testemunhos do passado pouco explorados para encontrar respostas a novas ou antigas questões é, sem dúvida, o estímulo essencial para a pesquisa prosopográfica. Freqüentemente, a simples tentativa de identificar os “atores” (e, se possível, os outros “participantes”) já pode levar mais adiante. Três exemplos podem ilustrar essa colocação: as pesquisas sobre as assembleias representativas na França – e, mais particularmente, aquelas que se relacionam aos Estados Gerais – somente podem ser desenvolvidas se os próprios representantes forem pesquisados, o que, pelo menos para o século XV, é possível e pode levar a

<sup>25</sup> Ver Rüthing (1986). N. T.: *Namenkunde* é, num sentido literal, o estudo dos nomes. O texto de Rüthing ocupa-se com o processo de significações e construções de identidade que acompanham o estudo dos nomes, no caso da cidade alemã de Höxter, na Idade Média tardia.

<sup>26</sup> Ver Moraw (1968, p. 60s; 1969, p. 433; 1975, p. 9); Neale (1951, p. 196, 201); Turner (1982, p. 22-s); Bulst (1986b; 1986c).

<sup>27</sup> Ver as contribuições de N. Orme, J. Verger, R. C. Schwinges e H. de Ridder-Symoens em *Medieval Lives* (BULST, GENET, 1986, p. 303-357).

<sup>28</sup> Para a história regional, ver Klocke (1958; 1959); para a história econômica, ver Stromer (1975, p. 31).

resultados surpreendentes (BULST, 1984, p. 65-s; 1992); revoltas sociais, como o grande levante camponês na França, em 1358, e na Inglaterra, em 1381, somente podem ser mais bem analisadas a partir do momento em que os líderes e participantes são identificados, o que, pelo menos para os líderes – ou aqueles que, mais tarde, serão definidos como tais – é possível (PRESCOTT, 1981); citemos ainda a história das universidades, na qual a pesquisa prosopográfica mostra-se imprescindível, pois a universidade, como local de encontro em que são travados contatos sociais, ou ainda como ponto de partida para a ascensão social, tem um papel decisivo para se compreender as carreiras das elites políticas e de outros grupos sociais.<sup>29</sup>

De uma maneira geral, podemos dizer que as estruturas políticas e sociais de certos grupos, fenômenos, como a continuidade e a descontinuidade, a ascensão e o declínio de sistemas políticos, de instituições eclesiásticas ou seculares, a ação política, a mobilidade social, a transformação social e tantos outros, não podem ser analisados com precisão sem o conhecimento prévio das pessoas. É apenas graças a esse conhecimento que é possível relacionar diferentes grupos, considerando que certos indivíduos se encontram freqüentemente no campo de ação de mais de um grupo. O fato de que, neste contexto, as pessoas tenham moldado as instituições e tenham sido também por elas impregnadas<sup>30</sup> (ainda que de maneiras bem diversas), deve ser levado em consideração em cada análise prosopográfica.

Ao lado de suas indubitáveis possibilidades, a prosopografia se vê, no entanto, igualmente confrontada com grandes dificuldades e obstáculos dificilmente transponíveis, a respeito dos quais muito se tem sido escrito (STONE, 1971, p. 57-65; PETERSOHN, 1975, p. 3; WRIEDT, 1975, p. 20), de modo que podemos nos limitar aqui a alguns pontos centrais. As vantagens da quantificação do material prosopográfico abrigam o risco – que não deve ser menosprezado – de que a convergência casual de certos fenômenos crie a falsa impressão de causalidade. O fato de que a prosopografia deva freqüentemente destacar os laços familiares – os quais, em razão dos interesses comuns, são vistos como constitutivos de um sistema social que exerce poder e influência – conduz a um

<sup>29</sup> Ver o artigo de R. Shwings, *Zur Prosopographie studentischer Reisegruppen*, publicado em **Medieval Lives** (BULST, GENET, 1986, p. 333-341). Ver, também, Bulst (1986, p. 375-ss).

<sup>30</sup> A crítica de Stone (1971, p. 63) a Syme, Namie e Neale só é válida sob a ressalva de que, em todas as épocas, as instituições têm sido impregnadas pelos seus membros e nunca foram tão estáveis e invariáveis que se tornassem não influenciáveis.

dilema<sup>31</sup> que atinge qualquer pesquisa sobre as estruturas familiares e a prosopografia, que dela se utiliza. Apesar disso, não convém superestimar as oposições intrafamiliares enquanto elas não aparecem publicamente ameaçando todo o sistema. O objetivo prioritário da pesquisa prosopográfica não é, neste caso, analisar a família e as relações entre os seus membros, mas sim a família e os laços familiares na sua relação com o exterior e na sua atuação política e suas conseqüências para o grupo ou os grupos. A pressão externa – isto é, os interesses comuns – deve ter freqüentemente refreado as divergências internas. O mesmo argumento vale para as relações de dependência não familiar de natureza jurídica, social ou econômica, notadamente os laços feudais ou os laços de clientela no domínio da administração, da burocracia, dos oficiais etc.<sup>32</sup>

A representatividade dos resultados coloca um outro problema (STONE, 1971, p. 61; MAURIN, 1982, p. 832). Como julgar a relação entre a parte e a totalidade, entre um grupo e uma camada social ou o conjunto da população? As dificuldades são ainda maiores quando, como em muitos projetos prosopográficos, o grupo não é facilmente delimitável ou não é completamente compreensível (GENET, 1978, p. 71-s). Em que medida são permitidas conclusões? O número restrito de dados, em geral condicionados às fontes, não torna o resultado contestável? De maneira análoga, ocorre o problema inverso: a falta de uma diferenciação suficiente no interior do grupo considerado – um defeito que pode resultar da pressão exercida pela constituição de um banco de dados como *métasource* – não falsifica de antemão os resultados?<sup>33</sup> Em ambos os casos, existem dificuldades objetivas, mas que não são inerentes somente à prosopografia e que podem afetar também outros tipos de estudos históricos. Mais importante parece ser o alerta quanto à questão do material a ser analisado que, pelo fato de ter sido preservado, já pode eventualmente ser considerado atípico. Stone (1971, p. 58), que levanta essa reserva, chega a considerar que, antes do século XVI e da difusão da imprensa (que multiplica as fontes de uma maneira até então inédita), o aporte prosopográfico não é adequado para a pesquisa da maior parte dos grupos sociais. Esta constatação, no entanto, é fortemente marcada pela idéia de uma

<sup>31</sup> A crítica de Stone (1971, p. 60) é exagerada; ver Beech (1976, p. 151, 164-s); Tellenbach (1957, p. 16); Gillespie (1977, p. 678).

<sup>32</sup> Sobre a necessidade de conhecer as dependências sociais, as amizades e as relações hostis entre os membros de um Concílio, ver Müller (1982, p. 140).

<sup>33</sup> Ver Stone (1971, p. 60-s); Gillespie (1977, p. 681).

tradição<sup>34</sup> intencional e seletiva e subestima a perda de fontes por puro acaso. A interpretação prosopográfica da reunião dos Estados Gerais de 1468 pode ilustrar esta afirmação. Em vista da inexistência de uma lista geral, e contando com fontes locais, é possível determinar apenas cerca de um terço dos duzentos delegados eleitos. A sua análise em termos sociais parece, no entanto, significativa, porque é corroborada por outros fatores e porque a falta de outros nomes é essencialmente decorrente do fato de que a documentação urbana (contas e deliberações do Conselho) deste período não existe mais na maior parte das cidades da França. E isso se aplica tanto para as grandes quanto para as pequenas cidades, sem grandes disparidades mesmo na distribuição geográfica deste fenômeno. Tal amostra aleatória oferece uma base sólida para a análise prosopográfica representativa (BULST, 1992, p. 337-ss).

A propósito, não é fácil contornar uma outra dificuldade que a prosopografia traz consigo: o problema da mediação e da representação do material já coletado. Moraw falava de um “quadro mediano, unilateral e com poucas cores”, porque um grande número de casos isolados freqüentemente conduz a simplificações grosseiras, o que a escolha de alguns exemplos significativos apenas com grande dificuldade pode contrabalançar (MORAW, 1968, p. 61). O perigo da possibilidade de degradação da análise em pura estatística deve ser considerado, mas é, neste caso, mais facilmente evitável do que na demografia (KLAPISCH-ZUBER, 1986). Os repertórios biográficos que, cada vez mais, são colocados como anexos de trabalhos prosopográficos<sup>35</sup>, ou publicados separadamente, mostram uma possibilidade de saída para este dilema, mas manifestam, simultaneamente, a dúvida diante da qual se encontram muitos prosopógrafos.

Ao considerarmos os prós e os contras da prosopografia, seus limites e suas possibilidades, as vantagens parecem ter mais peso e oferecer amplas e novas possibilidades de pesquisa. Certamente, os limites da prosopografia não são maiores do que os de outras tentativas de aproximação dos fenômenos políticos, sociais ou econômicos da Idade Média.

Este relato, que se limitou a apenas alguns aspectos essenciais, pretende mostrar que, apesar da grande heterogeneidade, uma nova concepção de

<sup>34</sup> N. T.: Tradição (*Überlieferung*, no original), no sentido da preservação e acessibilidade das fontes.

<sup>35</sup> Por exemplo, Renardy (1979-1981), em especial o volume 2, *Répertoire biographique* (1140-1350); Millet (1982), especialmente páginas 319-417, *Notices biographiques*.

prosopografia se formou nos últimos quinze anos. O acento colocado sobre a história social e sobre o caráter interdisciplinar da historiografia moderna e suas tentativas de estabelecer um diálogo com as outras disciplinas das ciências humanas sem dúvida contribuiu para o seu sucesso. O que trouxe a prosopografia à tona foi menos uma atitude pessimista do que um redirecionamento mais acentuado ao papel do homem – e não dos “grandes homens” – na história, percepção que também estava presente no início da história das mentalidades, dos gestos, dos grupos marginais, da vida cotidiana e da cultura material e que, igualmente, as estimulou. As técnicas modernas de processamento de dados e sua crescente acessibilidade e disponibilidade também contribuíram para este desenvolvimento.<sup>36</sup> Pelo menos para os medievalistas, esta nova concepção da prosopografia como um acesso (ainda longe de ser esgotado) a uma análise histórico-social deve tornar-se mais significativa no futuro. Mas o medievalista e o prosopógrafo não devem esquecer que a prosopografia representa apenas um aporte entre outros, nem se deixar seduzir pela *law of the instrument* (KAPLAN, 1964, p. 28),<sup>37</sup> segundo a qual uma criança, para a qual se dá um martelo, acredita dever “trabalhar” tudo e todos com ele.

## ON THE OBJECT AND THE METHOD OF PROSOPOGRAPHY

### ABSTRACT

*Although the term prosopography remounts back to the 16th century, its meaning and relationship with other methods and techniques, employed in historical research, is still object of controversies. Such controversies increased with the directions that things took in the last decades. They changed the focus of interest to the role of man in history, and not necessarily “great men”. This article tries to trace back the strategies of use of prosopography as a resource for apprehension of the historical role carried out by certain collectivities, such as institutions like the parliamentary Cameras, or of social groups like farmers, from varied periods of the Roman Antiquity to our days.*

<sup>36</sup> Isto não deve ser compreendido como um apelo à realização de pesquisas prosopográficas exclusivamente com o uso do computador. Mas é necessário admitir simultaneamente que os níveis de uma análise estatística se alteraram consideravelmente em relação ao *standard* de alguns anos atrás. Ver as contribuições de J.-P. Genet, M. Hainsworth, R. Evans, M. Ornato, J. Pomian-Turquet e D. Geuenich em *Medieval Lives* (BULST; GENET, 1986). Ver também Burke (1980, p. 37-42).

<sup>37</sup> Cf. Carney (1973, p. 178-s).

**KEY-WORDS:** *Biography. Methods of History. Prosopography. Social History.*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, J. W. Medieval Biography: Clio lo volt. **The Historian**, 35, p. 355-364, 1972.

ALTHOFF, G. Unerforschte Quellen aus quellenarmer Zeit (IV): Zur Verflechtung der Führungsschichten in den Gedenkquellen des frühen zehnten Jahrhunderts. In: BULST, N.; GENET, J.-P. (Org.). **Medieval Lives and the Historian**. Studies in Medieval Prosopography. Michigan, Western Michigan University, 1986. p. 37-71.

AUTRAND, F. Prosopographie et histoire de l'État. In: **Aspekte der Historischen Forschung in Frankreich und Deutschland. Schwerpunkte und Methoden**. Göttingen: Veröffentlichungen des Max-Planck-Instituts für Geschichte, 1981. p. 43-53.

BARRÉ, C. **Annuaire-Bulletin de l'histoire de France**, années 1976-1977. 1978.

BEECH, G. Prosopography. In: POWEL, J. M. (Ed.). **Medieval Studies**. Syracuse, 1976. p. 151-184.

\_\_\_\_\_. The scope of medieval prosopography. **Medieval Prosopography**, I, 1, 1980.

BERVES, H. **Alexanderreich auf prosopographischer Grundlage**. 2 v. München, 1926.

BEST, H.; MANN, R. (Ed.). **Quantitative Methoden in der historisch-sozialwissenschaftlichen Forschung**. Stuttgart: Klett Cotta, 1977.

BLOCKMANS, W. Verwicklungen und neuere Orientierungen in der Sozialgeschichte der Niederlande im Spätmittelalter. In: EHBRECHT, W.; SCHILLING, H. **Niederlande and Nordwestdeutschland. Franz Petri zum 80. Geburtstag**. Köln; Wien: Böhlau, 1983. p. 41-60.

BULST, N.; GENET, J.-P. (Org.). **Medieval Lives and the Historian**. Studies in Medieval Prosopography. Michigan: Western Michigan University, 1986.



BULST, N. Studium und Karriere im königlichen Dienst in Frankreich im 15. Jahrhundert. In: FRIED, J. **Schulen und Studium im sozialen Wandel des hohen und späten Mittelalters**. Sigmaringen, 1986. p. 375-405.

\_\_\_\_\_. La recherche prosopographique récente en Allemagne (1250-1650). Essai d'un bilan. In : AUTRAND, F. **Prosopographie et genèse de l'État moderne**. Paris, 1986b. p. 35-52.

\_\_\_\_\_. L'histoire des Assemblées d'États en France et la recherche prosopographique (XIV<sup>e</sup>-milieu XVII<sup>e</sup> siècle). In : AUTRAND, F. **Prosopographie et genèse de l'État moderne**. 1986c. p. 171-184.

\_\_\_\_\_. The Deputies at the French Estates General of 1468 and 1484: A Prosopographical Approach. **Medieval Prosopography**, 5, 1, p. 65-79, 1984.

\_\_\_\_\_. **Die französischen Generalstände von 1468 und 1484**. Prosopographische Untersuchungen zu den Delegierten. Sigmaringen 1992.

BURKE, P. **Sociology and History**. London: George Allen & Unwin, 1980.

CARNEY, T. F. Prosopography: Payoffs and Pitfalls. **Phoenix: the Journal of the Classical Association of Canada**, XXVII, p. 156-179, 1973.

CHASTAGNOL, A. La prosopographie, méthode de recherche sur l'histoire du Bas-Empire. **Annales E.S.C.**, XXV, p. 1229-1235, 1970.

CLARK, L.; RAWCLIFFE, C. The History of Parliament, 1386-1422: A Progress Report. **Medieval Prosopography**, 4, 2, p. 9-41, 1983.

GENET, J.-P. Die kollektive Biographie von Mikropopulationen: Faktorenanalyse als Untersuchungs-methode. In: IRSIGLER, F. (Ed.). **Quantitative Methoden in der Wirtschafts- und Sozialgeschichte der Vorneuzeit**. Stuttgart, 1978.

GEUENICH, D. Eine Datenbank zur Erforschung mittelalterlicher Personen und Personengruppen. In: BULST, N.; GENET, J.-P. **Medieval Lives and the Historian**. Studies in Medieval Prosopography. Michigan, Western Michigan University, 1986. p. 401-417.

GILLESPIE, J. G. Medieval Multiple Biography: Richard II's Cheshire Archers. **The Historian**, XL, 1977.

HASLER, P. W. (Ed.) **The History of Parliament. The Commons 1558-1603**. London, 1981.

JARAUSCH, K. H. (Ed.). **Quantifizierung in der Geschichtswissenschaft**. Probleme und Möglichkeiten. Düsseldorf, 1976.

KAMPERS, G. **Personengeschichtliche Studien zum Westgotenreich in Spanien**. Münster: Aschendorff Verlag, 1979.

KAPLAN, A. **The Conduct of Inquiry**. Methodology for Behavioral Science. San Francisco: Chandler, 1964.

KLAPISCH-ZUBER, C. Quelques réflexions sur les rapports entre prosopographie et démographie historique. In: BULST, N.; GENET, J.-P. **Medieval Lives and the Historian**. Studies in Medieval Prosopography. Michigan: Western Michigan University, 1986. p. 29-35.

KLOCKE, F. von. Prosopographische Forschungsarbeit und Moderne Landesgeschichte. **Westfälische Forschungen**, 11, p. 195-206, 1958.

\_\_\_\_\_. Prosopographische Forschungsarbeit und Moderne Landesgeschichte. **Westfälische Forschungen**, 12, p. 204-212, 1959.

LE GOFF, J. (Ed.). **La Nouvelle Historie**. Paris: Retz, 1978.

MAURIN, J. La prosopographie romaine: pertes et profits. **Annales E.S.C.**, XXVII, p. 824-836, 1982.

MILLET, H. **Les chanoines du chapitre cathédral de Laon, 1272-1412**. Rome, 1982. Collection de l'École Française de Rome, 56

MORAW, P. Personenforschung und deutsches Königtum. **Zeitschrift für Historische Forschung**, 2, p. 7-16, 1975.

\_\_\_\_\_. Beamtentum und Rat König Rupprechts. **Zeitschrift für die Geschichte des Oberrheins**, 116, p. 59-126, 1968.

\_\_\_\_\_. Kanzlei und Kanzleipersonal König Rupprechts. **Archiv für Diplomatik**, 15, p. 428-531, 1969.

MÜLLER, H. Zur Prosopographie des Basler Konzils: Französische Beispiele. **Annuaire Historiae Conciliorum**, 14, p. 140-170, 1982.

NAMIER, L. **The Structure of Politics at the Accession of George III.** 2 v. London, 1929.

NEALE, J. E. Biographical approach to History. **History**, N. S., p. 193-203, 1951.

NICOLET, C. Prosopographie et histoire social: Rome et l'Italie à l'époque republicaine. **Annales E.S.C.**, XXV, p. 1209-1228, 1970.

PARAVICINI BAGLIANI, A. **Cardinale di curia e "familiae" cardinalizie dal 1227 al 1254.** 2 v. Padova: Antenore, 1972.

PETERSOHN, J. Zu Forschungsgeschichte und Methode. **Zeitschrift für Historische Forschung**, 2, p. 1-5, 1975.

PILLORGET, R. Die Biographe als historische Gattung. Ihre heutige Lage in Frankreich. **Historisches Jahrbuch**, 99, p. 327-354, 1979.

POOS, L. Peasant 'biographies' from Medieval England. In: BULST, N.; GENET, J.-P. **Medieval Lives and the Historian.** Studies in Medieval Prosopography. Michigan: Western Michigan University, 1986. p. 201-214.

PRESCOTT, A. London in the Peasants' Revolt: A Portrait Gallery. **London Journal**, 7, p. 125-143, 1981.

RENARDY, C. **Le monde des Maîtres universitaires du diocèse de Liège (1140-1350).** 2 v. Paris: Université de Liège, 1979; 1981.

ROGOZINSKI, J. Ennoblement by the crown and social stratification in France 1285-1322: a prosopographical survey, In: JORDAN, W.; MCNAB, B.; RUIZ, T. (Eds.). **Order and innovation.** Essays in honor of Joseph R. Strayer. Princeton: Princenton Univesity Press, 1976.

ROMANO, S. Biographie et historiographie. **Revue d'histoire diplomatique**, 96, 1982.

RÜTHING, H. Der Wechsel von Personennamen in einer spätmittelalterlichen Stadt. Zum Problem der Identifizierung von Personen und zum sozialen Status von Stadtbewohnern mit wexhselnden oder unvollständigen Namen. In: BULST, N.; GENET, J.-P. (Org.). **Medieval Lives and the Historian.** Studies in Medieval Prosopography. Michigan, Western Michigan University, 1986. p. 215-216.

SCHMID, K. Prosopographische Forschungen zur Geschichte des Mittelalters. In: **Aspekte der Historischen Forschung in Frankreich und Deutschland. Schwerpunkte und Methoden**. Göttingen: Veröffentlichungen des Max-Planck-Instituts für Geschichte, 1981. p. 54-78.

\_\_\_\_\_. Programmatisches zur Erforschung der mittelalterlichen Personen und Personengruppen. **Frühmittelalterliche Studien**, 8, p. 116-130, 1974.

SCHRÖDER, W. H. Quantitative Analyses of Collective Life Histories: The Case of the Social Democratic Candidates for the German Reichstag 1898-1912. In: CLUBB, J.; SCHEUCH, E. (Org). **Historical Social Research. The Use of Historical and Process-Produced Data**. Stuttgart: Klett Cotta, 1979.

STONE, L. Prosopographie. **Daedalus**, C, p. 46-79, 1971.

STROMER, W. von. Wirtschaftsgeschichte und Personengeschichte. **Zeitschrift für Historische Forschung**, 2, 1975.

SYME, R. (Ed.). **Roman Revolution**. Oxford, 1974 [1939].

TELLENBACH, G. Königtum und Stämme in der Werdenzeit des deutschen Reiches. **Quellen und Studien zur Verfassungsgeschichte des Deutschen Reiches in Mittelalter und Neuzeit**, 7, 4, Weimar, 1939.

\_\_\_\_\_. Zur Bedeutung der Personenforschung für die Erkenntnis des früheren Mittelalters. **Freiburger Universitätsreden NF**, 25, p. 5-24, 1957.

TURNER, R. Twelfth- and Thirteenth-Century English Law and Government: Suggestions for Prosopographical Approaches. **Medieval Prosopography**, 3/2, p. 21-34, 1982.

VENTURI, F. **Historiens du XXe siècle**. Jaurès, Salvemini, Namier, Maturi, Tarle. Genève: Droz, 1966.

WERNER, K. F. Problematik und erste Ergebnisse des Forschungsvorhabens "PROL" (Prosopographia Regnorum Orbis Latini). Zur Geschichte der west- und mitteleuropäischen Oberschicht bis zum 12. Jahrhundert. **Quellen und Forschungen aus italienischen Archiven und Bibliotheken**, LVII, p. 69-87, 1977.

WRIEDT, K. Personengeschichtliche Probleme universitärer Magisterkollegien.  
**Zeitschrift für Historische Forschung**, 2, p. 19-30, 1975.

POLITEIA: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 5, n. 1, p. 47-67, 2005.